

PANDEMIA NO BRASIL, NEGACIONISMO E RESISTÊNCIA: QUEM SOBREVIVERÁ? O CASO DE CAMALAUÍ

Kathia Priscila Pereira Neves^{1*} , Acileide Cristiane Fernandes Coelho¹ ,
Maria Inês Gandolfo Conceição¹ 

RESUMO

Os desafios da pandemia por COVID-19 são bem conhecidos: sistema de saúde em colapso, óbitos, enlutamento, medo e disputas ideológicas. No Brasil, o manejo da pandemia foi marcado pelo negacionismo sociopolítico, que remete à questão: Quem sobreviverá? Escolhemos discutir o caso da comunidade nordestina de Camalaú (PB) para analisar siconomicamente as estratégias de enfrentamento e as ações coletivas utilizadas por sua rede sociocomunitária. Foram realizadas entrevistas e construído um mapa da rede sociocomunitária de suporte à população, as quais foram analisadas com interseções nas teorias de redes. Foi possível conhecer os impactos sociais da vivência pandêmica, em contexto de negacionismo, por um povo do Cariri nordestino que sobreviveu pela força da rede, o qual mostrou suas vias de resistência revelando uma história que merece ser contada.

PALAVRAS-CHAVE: COVID-19; Rede intersetorial; Envolvimento comunitário; Psicodrama.

PANDEMIC IN BRAZIL, DENIALISM AND RESISTANCE: WHO WILL SURVIVE? THE CASE OF CAMALAUÍ

ABSTRACT

The challenges of the COVID-19 pandemic are well known: a collapsing health system, deaths, bereavement, fear and ideological disputes. In Brazil, the handling of the pandemic was marked by sociopolitical denialism, which refers to the question: Who shall survive? We chose to discuss the case of the northeastern community of Camalaú (Paraíba state) to siconomically analyze the coping strategies and collective actions used by its sociocommunity network. Interviews were carried out and a map of the sociocommunity support network for the population was constructed, which were analyzed with intersections in network theories. It was possible to know the social impacts of the pandemic experience, in a context of denial, by people from northeastern Cariri, which survived by the force of the network, and showed their ways of resistance revealing a story that deserves to be told.

KEYWORD: Covid-19; Intersectoral Network; Community involvement; Psychodrama.

PANDEMIA EN BRASIL, NEGACIONISMO Y RESISTENCIA: ¿QUIÉN SOBREVIVIRÁ? EL CASO DE CAMALAUÍ

RESUMEN

Los desafíos de la pandemia de COVID-19 son bien conocidos: un sistema de salud colapsado, muertes, duelo, miedo y disputas ideológicas. En Brasil, el manejo de la pandemia estuvo marcado por el negacionismo sociopolítico, que se refiere a la pregunta: ¿Quién sobrevivirá? Optamos por discutir el caso de la comunidad nororiental de Camalaú (PB) para analizar siconómicamente las estrategias de enfrentamiento y las acciones colectivas utilizadas por su red sociocomunitaria. Se realizaron entrevistas y se construyó un mapa de la red de apoyo sociocomunitario a la población, las cuales fueron analizadas con intersecciones en las teorías de redes. Fue posible conocer los impactos sociales de la experiencia de la pandemia, en un contexto de negación, por parte de un pueblo del noreste de Cariri, que sobrevivió por la fuerza de la red, que mostró sus caminos de resistencia revelando una historia que merece ser contada.

PALABRAS CLAVE: COVID-19; Red intersectorial; Participación de la comunidad; Psicodrama.

1. Universidade de Brasília  – Instituto de Psicologia – Brasília (DF), Brasil.

*Autora correspondente: kathiaprisquilla@gmail.com

Recebido: 07 ago. 2022 | Aceito: 30 out. 2022

Editora de seção: Graziela Gatto 

INTRODUÇÃO

Desde o início da propagação da pandemia ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2 (COVID-19), a postura do Estado brasileiro mostrou-se inconsistente e contrária às orientações da Organização Mundial da Saúde (WHO, 2020) e às pesquisas científicas baseadas em estratégias testadas e recomendadas em outros países. O negacionismo do governo brasileiro levou à perda de milhares de vidas, à adoção de tratamentos incorretos e iatrogênicos e nos fez desperdiçar tempo e oportunidades de manejo adequado da crise (Kerr et al., 2020). Essa postura político-sanitária segue a lógica contrária à revolução criadora proposta pela socionomia moreniana, cujo foco está na saúde e na “ruptura de um sistema que trata as pessoas como objetos de uma engrenagem social” (Vieira, 2020, p. 18).

Diante da relutância na adoção de ações efetivas pelo Governo Federal, o Brasil assistiu a uma proliferação de iniciativas pontuais protagonizadas pelos governadores que se lançaram autonomamente em adotar medidas de distanciamento social, uso obrigatório de máscaras, restrições a aglomerações, compras de equipamentos hospitalares, demanda por vacinas etc. Alguns estados sofreram mais impactos econômicos do que outros devido ao jogo político marcado por embates ideológicos, discordâncias na adoção de protocolos, ênfase nos impactos econômicos, foco nas benesses federais e até uso político da situação pandêmica como estratégia eleitoral (Junqueira & Prado, 2020; Kerr et al., 2020). Nessa esteira, os protocolos sanitários adotados pelos estados se deram em nome da manutenção das *coisas*, isto é, pelo interesse econômico em detrimento das necessidades sociais de preservação da vida. Os atos estaduais tiveram baixo impacto nas demandas sociais e na sobrevivência do povo (Junqueira & Prado, 2020).

Os estados do Norte e do Nordeste, redutos de oposição ao atual Governo Bolsonaro, foram negligenciados pelo Governo Federal no quesito investimentos e repasses emergenciais, gerando muitas mortes (Kerr et al., 2020). Nessas regiões estão os estados com os piores índices de contágio e mortalidade devido à inconsistência do plano de intervenção pandêmica federal, dos problemas históricos de distribuição de renda e de negligência em programas sociais. A situação só não foi pior devido à mobilização de alguns estados em encontrar estratégias sinérgicas (Perez & Santana, 2021) para manejar a crise sanitária. Frente à desassistência, à costumeira exclusão dos programas nacionais de desenvolvimento e à falta de políticas públicas efetivas de controle da pandemia, o povo nordestino criou uma rede de desenvolvimento sustentável para sua própria sobrevivência.

A socionomia de Moreno reconhece a sociedade humana como uma poderosa realidade com leis e ordenações próprias, a qual, por meio da sociometria, é possível ser compreendida e transformada com a participação daqueles que a compõem e assim gerar bem-estar para seus membros (Moreno, 1953/1992). O estudo de como se dá essa matriz nos permite ver a posição concreta de cada sujeito com seus papéis sociais nessa estrutura e, ao mesmo tempo, os núcleos relacionais que a compõem e, com isso, os atos advindos desse encontro. A proposta moreniana dialoga em complementaridade com a teoria de redes, compreendendo comunidade como sendo um conjunto de pessoas e suas relações em um território, fundamentadas em crenças e normas sociais que medeiam essas relações (Milanese, 2012). Esses elementos formam, então, uma rede social. Compreende-se que as redes, sob o prisma da horizontalidade e vinculação, são espaços de cuidado solidário (Fleury, 2005).

Nessa perspectiva de compreender os fatores que influenciam vínculos possíveis, no contexto pandêmico, muitos atores da rede buscaram abrir janelas, como alusão ao lugar de contemplação, observação e ação criativa que passamos a aderir em meio ao isolamento social que, de maneira necessária, bloqueou nossas portas. “As janelas, nessa perspectiva, também significam a abertura, o desvelamento do olhar atento para mundos invisíveis, para outros com pouca visibilidade e, ainda, para outros bem visíveis” (Guimarães et al., 2020, p. 17). As redes sociocomunitárias fizeram esse papel de ação de ir abrindo janelas possíveis diante dos conflitos e da crise. É no conflito que os grupos se unem e se vinculam para buscar soluções. Guimarães et al. (2020) ressaltam que, na pandemia, “as pessoas buscaram compreender o que estava ocorrendo, reagiram coletivamente, reforçaram os vínculos existentes, criaram outros, se conduziram de modo não previsto, adotando comportamentos novos que não haviam pensado antes” (p. 13).

Desse modo, debruçada em sua janela virtual, a primeira autora acompanhou atentamente como se deu o manejo político da pandemia na cidade de Camalaú (PB), terra de suas origens paterna e materna. Observou as formas inventivas que as pessoas apresentavam como saída ou manejo resignado das demandas advindas de viver em estado de exceção.

Acompanhou a divulgação constante nas mídias sociais, por parte do município dos dados relacionados à pandemia, como o número de casos ativos, recuperados, óbitos e o *vacinômetro*. Percebeu que, graças às articulações e ações em rede, também divulgadas, o número de óbitos foi muito baixo. Até o momento da pesquisa, seis pessoas haviam morrido. O número de vacinados foi divulgado semanalmente em brados de alívio e vitória. E, *esperando na janela*, notou, por meio das postagens de alguns familiares, que esse município do interior da Paraíba, muito familiar a ela, estava sobrevivendo por um fazer coletivo e cooperativo, o que a encheu de esperança. As ações e memórias, frutos da criação dessa população, muitas vezes não valorizadas pela sociedade majoritária, mostraram-se fonte de riqueza em seus saberes e meios de sobrevivência.

Este trabalho visa analisar as redes sociais que se mobilizaram para lidar com a crise sanitária em Camalaú (PB), no intuito de conhecer como a comunidade organizou as estratégias para o enfrentamento dessa pandemia e a gestão de ações no intuito de sobreviver a esse momento. Assim, com base em uma leitura sacionômica e em referências da teoria de redes, este artigo busca identificar, analisar e compartilhar alguns recortes desses processos e vias de enfrentamento para entender como se dão as lógicas grupais de resistência à crise político-sanitária.

MÉTODO

Trata-se de um estudo de caso, embasado no paradigma interpretativo qualitativo, sob a ótica de compreensão da complexidade, que leva em consideração algumas das múltiplas dimensões que o fenômeno apresenta. A via qualitativa tem como foco as intenções e interpretações dos participantes, o envolvimento do pesquisador no estudo e na construção social da realidade, compreendendo como a experiência é construída e como adquire significado (Melo et al., 2015). O foco deste estudo está nas interações, informações e nos sentidos coconstruídos e nas ações desenvolvidas pelos agentes e atores sociais em seus respectivos contextos sociopolítico-cultural e nas dinâmicas da rede intersetorial. Consideramos neste trabalho os termos agentes e atores sociais, derivados de um olhar da teoria de redes comunitárias, referindo-nos aos participantes da pesquisa em suas formas de atuar no enfrentamento ao contexto pandêmico. Nesse sentido, condizente com a noção moreniana do sujeito enquanto *ser em relação*, o agente é aquele que atua dentro de um campo social, na relação com o outro, formando-se e seguindo as dinâmicas próprias desse campo. O ator também está nesse mesmo campo, sendo capaz de interpretar e transgredir (Milanese, 2012).

Contexto e participantes: “Não troco o meu oxente pelo ok de ninguém!”

A pesquisa foi realizada no Município de Camalaú, do estado da Paraíba, o qual, dentre os municípios da região, demonstrou destaque positivo no combate à pandemia. Segundo dados do censo do IBGE (2021), a população dessa cidade é de pouco mais de 7.000 habitantes. A economia, desde a sua fundação, é caracterizada por agropecuária rudimentar e de subsistência, atividades artesanais como a renda irlandesa *renascença* e, atualmente, a costura para empresas, pequenos e médios comércios (fabricos), além do serviço público municipal. Outra característica identitária muito marcante do povo de Camalaú são as festividades arraigadas à cultura nordestina. Diante disso, este trabalho se voltou a ouvir a história de como um município nordestino, localizado no Cariri Ocidental (marcado pela seca), tem sobrevivido ao contexto pandêmico necropolítico do Brasil. Ao compartilhar uma experiência rica em informações, estratégias, atos criativos da coletividade, vias de governança e governabilidade, mobilização nas dinâmicas em rede em momento crítico que assola a humanidade, nos nutrimos com lições singulares que oportunizam intenso aprendizado sobre formas de sobrevivência.

Participaram da pesquisa nove atores sociais, com valência de representatividade no município em apreço. Dentre eles, a maior parte são pessoas que nasceram no município ou em regiões próximas, sendo atualmente atores da rede exercendo atividades importantes, tais como: prefeito, coordenador da vigilância sanitária, assistente social executando a Política Nacional de Assistência Social, Secretária Municipal de Educação, líder religioso (padre), enfermeira da Unidade Básica de Saúde, produtor/fabrico, líder comunitário e músico/professor de geografia. Esses participantes foram recrutados utilizando-se o método bola de neve, forma de amostra não probabilística que utiliza cadeias de referência e busca pelas redes sociais dos entrevistados que fornecem contatos potenciais (Vinuto, 2014).

Procedimentos, instrumentos e análise de dados

Para compreender a dinâmica das redes, foram realizadas entrevistas com os principais atores sociais de Camalaú, as quais foram transcritas e analisadas tematicamente com base nas referências teóricas da socionomia (Moreno, 1953/1992) e entendimentos das teorias de redes (Milanese, 2012). Ainda que tenhamos realizado entrevistas individuais, o foco está no sujeito constituído no coletivo, que pode se transformar e ser transformado nas interações sociais. Portanto, por meio de entrevista semiestruturada com questões que nortearam a narrativa da vivência dos participantes da pesquisa durante a pandemia, buscou-se identificar três grandes aspectos: 1) como cada participante vivenciou a crise pandêmica, 2) as principais estratégias e barreiras para o enfrentamento da pandemia e 3) como o trabalho em rede foi desenvolvido. Também foi utilizada a coleta de informações sobre o município em mídia social do Instagram, sítio da prefeitura e reportagens que traziam eventos ou fatos atrelados ao município.

Nessa perspectiva, foi possível obter, por meio das narrativas dos participantes, um desenho da rede intersetorial, seguindo os princípios do sociograma moreniano, visando apresentar a dimensão relacional e um recorte da realidade social de Camalaú. Para chegar a esse objetivo nos inspiramos no que Sluzki (1997) traz como perguntas que têm como destino definir integrantes da rede, que geram reflexão e auxiliam no mapeamento da rede. Assim, para a elaboração do mapa ou sociograma da rede, ao final das entrevistas, construímos um mapa com os participantes, com base na seguinte pergunta: “Com quem eu posso contar?”.

As entrevistas foram transcritas e utilizamos o *software* de análise qualitativa MAXQDA (<http://www.maxqda.com/>) como auxílio para a realização da análise temática. Esse *software* identifica indicadores significativos gerados pelas informações coletadas nas entrevistas, as quais são organizadas pelo pesquisador em temas. Diante disso, organizamos as informações obtidas nas entrevistas visando identificar *os nós* constituintes da teia relacional, concretizada pela construção de um desenho da rede na forma de sociogramas (Moreno, 1953/1992) e com base nas teorias de redes focadas na vinculação dos sujeitos. Dessa forma, foi possível apresentar geometricamente a rede intersetorial e as narrativas dos participantes da pesquisa com foco nas suas estratégias de sobrevivência no transcorrer dos eventos pandêmicos. Isso foi possível a partir da análise temática das entrevistas (Braun & Clarke, 2006).

A análise temática é caracterizada por uma codificação fluída e flexível, em que os códigos podem evoluir e se modificar ao longo do processo. A análise objetiva a profundidade do envolvimento interpretativo (Conceição, 2021), em etapas recursivas que consistem na familiarização com os dados, produção de códigos, construção e revisão de temas. O paradigma interpretativo pressupõe um contínuo exercício de reflexividade e posicionalidade em estreito diálogo com a produção acadêmica. Coadunando com esse aspecto, tem-se a socionomia (Moreno, 1946/1997; 1953/1992) e a teoria de redes (Milanese, 2012; Rovere, 1999), em seu viés construtivista e coparticipativo, como via metodológica que permeia a pesquisa da coleta e análise de dados. A Tabela 1 mostra de forma sistemática as fases para a realização da análise temática, as quais foram seguidas para a análise das entrevistas e apresentação dos resultados da pesquisa.

Tabela 1. Fases da Análise temática.

Fase	Descrição do processo
Familiarização com os dados	Transcrever os dados e revisá-los; ler e reler o banco de dados; anotar ideias iniciais durante o processo.
Gerando códigos iniciais	Codificar aspectos interessantes dos dados de modo sistemático em todo o banco; reunir extratos relevantes a cada código.
Buscando temas	Reunir os códigos em temas potenciais; unir todos os dados pertinentes a cada tema em potencial.
Revisando temas	Checar se os temas funcionam em relação aos extratos e ao banco de dados como um todo; gerar mapa temático da análise.
Definindo e nomeando temas	Refinar os detalhes de cada tema e a história que a análise conta; gerar definições e nomes claros a cada tema.
Produzindo o relatório	Fornecer exemplos vívidos; realizar a última análise dos extratos escolhidos na relação com a pergunta de pesquisa e literatura; fazer o relato científico da análise.

Fonte: Elaborada pelas autoras utilizando dados de Braun and Clarke (2006, p. 87).

Aspectos éticos

Esta pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília. As entrevistas aconteceram de forma on-line, por aplicativo de videoconferência, considerando o momento pandêmico, sendo conduzidas seguindo a lógica de preceitos éticos e sigilo levantados nas Resoluções nos 010/05 e 004/20 do Conselho Federal de Psicologia, as quais tratam sobre atendimento remoto. Atendendo a esses princípios de confidencialidade, os nomes dos participantes da pesquisa são fictícios, ainda que os atores da rede não tenham apresentado qualquer objeção em serem identificados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: QUEM SOBREVIVERÁ?

Na apresentação dos resultados e discussão deste estudo nos permitiremos recorrer à licença poética pela via da metáfora da rica cultura artesanal rendeira dessa comunidade. Mãos calejadas, carregadas de histórias muitas vezes não ditas, mas com agulha e fio tecidas. Habilidosas, com movimentos delicados e precisos, pacientes, resistentes, unidas, engendram, por fim, a renda que, como a flor do mandacaru, brota e embeleza o sertão. As rendeiras são mulheres que tecem a vida dos lugares onde vivem: cada ponto, um ato criativo; cada tecido, uma renascença, uma sobrevivência (IICA, 2017). Inspiradas nas rendas, a partir de seus pontos, seus segredos, que são parte da identidade cultural do Cariri, percebemos a rede e sua atuação nas relações entre as pessoas, como ato de resistência e formação de uma cena cujos protagonistas são a relação e a força do coletivo diante do desgoverno e dos conflitos para lidar com a crise. Ao mesmo tempo, dos conflitos próprios do contexto de crise, analisamos como os vínculos fortalecidos encontraram estratégias para driblar dificuldades cotidianas na comunidade e como os vínculos frágeis também foram pontos que dificultaram algumas ações locais.

Para além de uma visão do funcionamento da rede, de suas conexões e vínculos, foi possível verificar temas protagônicos em relação ao enfrentamento do momento de crise sanitária. Ao realizar a transcrição e a leitura detalhada das entrevistas com os atores da rede intersetorial, foi possível compreender as experiências dentro da história de vida no contexto pandêmico de cada participante e, principalmente, as vicissitudes e as fragilidades enfrentadas. Assim, conforme expresso na Tabela 2, a partir das narrativas, foi possível identificar três eixos temáticos sintetizados em momentos vividos pela rede e descritos em alusão ao ponto de renda, arte do povo nordestino.

Tabela 2. Síntese da análise temática das entrevistas.

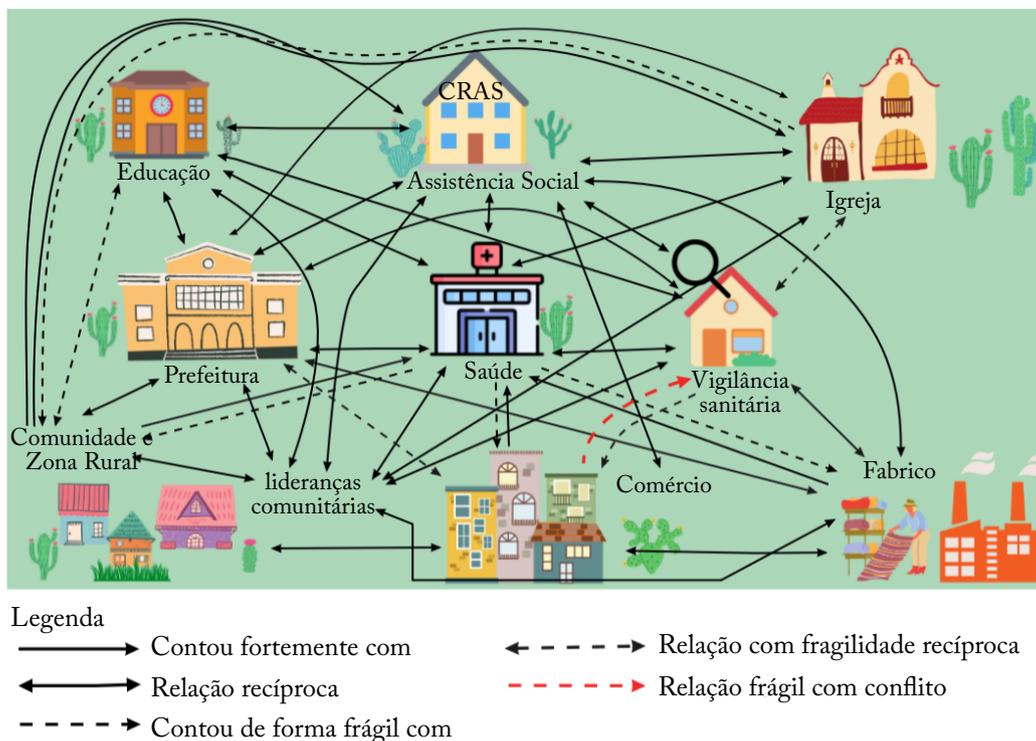
Tema	Categorias	Ponto de renda
“De ponto em ponto, se faz a renda” Dito popular	Rede intersetorial de serviços. Saberes que movem a lógica e as interseções da rede.	<i>Dois amarrados</i> : Dele parte toda a renascença. <i>Sianinha</i> : Traçado que gera conexão entre os pontos.
“Só o real é contraditório” Assis Chateaubriand	Eventos importantes para o desenvolvimento da pandemia no município: Criação em rede imediata de protocolo sanitário e aplicação dele. Eleições e escândalo envolvendo o prefeito eleito – Abertura e contágio. Dificuldade na adesão da população a mais tempo de isolamento: Resistência dos religiosos, comerciantes e jovens por causa da cultura de rituais, festas e questões econômicas.	<i>Abacaxi</i> : É gerado a partir de uma mistura de pontos de renda; é contraditório e dinâmico.
“Não sei. Só sei que foi assim.” Ariano Suassuna	Governos e desgovernos. Dificuldades e enfrentamentos em rede. Tradições, festas, saberes populares como estratégia de enfrentamento e retomada.	<i>Amor seguro</i> : Se modifica e gera transformação no traçado. <i>Pipoca</i> : É o ponto que permite a ampliação da criatividade da rendeira

Fonte: Elaborada pelas autoras.

De ponto em ponto se faz a renda: Saberes que movem a lógica e as vinculações da rede

As narrativas traçadas pelos diversos atores da rede nos apresentaram suas dinâmicas relacionais, saberes, valores, normas, potências e fragilidades ou, como nomearia Moreno (1953/1992), sua matriz sociométrica, que é composta por atonicidade social e cultural. As relações narradas não são estáticas: logo, o mapa de rede proposto é um retrato do momento. Nele, a rede de Camalaú mostrou relações de reciprocidade intersetorial, de serviços privados, públicos interconectados e com participação de lideranças comunitárias. O critério sociométrico utilizado para traçarmos as relações no mapa de rede foi: Com quem posso contar? A escolha por esse critério sociométrico se deu por ter sido a questão final realizada na entrevista, que estimulou o compartilhar dos participantes, contribuindo com o desenho da rede; outro motivo é que se trata de uma pergunta de uso comum em uma situação de desorientação, insegurança e de necessidade de suporte pelo aumento do grau de vulnerabilidade. Dessa questão, muitas conexões entre os sujeitos e os grupos aconteceram. Essa conexão diz do grau de vinculação e de pertencimento e é uma forma de busca por suporte, muito utilizada nas comunidades que sobrevivem essencialmente graças à solidariedade e ao cooperativismo.

Para ilustrar a configuração das redes, elaboramos uma imagem a partir das redes identificadas nas entrevistas (Fig. 1), que mostram encontros, relações caracterizadas pela reciprocidade no: (1) contar com, fortemente; (2) contar com, de forma frágil; (3) contar com, de forma conflituosa. Dessas ligações, foi possível identificar os níveis de vinculação e a tipologia de rede. Três atores/setores se mostraram, sociometricamente, centrais na rede: a prefeitura, os serviços de saúde e a vigilância sanitária. Atribuímos isso ao fato de ocuparem um lugar de protagonismo demandado pelo contexto de crise sanitária, o que foi correspondido pelo alto nível de conexões estabelecidas com os demais setores da rede. Em razão disso, podemos afirmar, em alusão aos pontos de uma renda (Tabela 2), que esses atores seriam o início da renascença, o ponto *dois amarrados*, que dá continuidade ao trabalho com o ponto *sianinha* traçado que vai conectando os demais pontos. Assim, os três setores citados foram o carro-chefe das estratégias de enfrentamento e proteção durante a pandemia, apresentam conexões que dizem de relações fortes e recíprocas com os demais atores e setores sociais, o que demonstra o caráter intersetorial, operativo e horizontalizado que o constitui.



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Figura 1. Mapa da rede de Camalaú no enfrentamento à COVID-19.

Observa-se na Fig. 1 que, embora haja relações frágeis e alguns conflitos, existe a predominância de vínculos fortalecidos e recíprocos. A rede de serviços e sociocomunitária do município de Camalaú apresentou-se como uma rede intersetorial, com vinculação predominantemente horizontalizada, permeada pela solidariedade, colaboração comunitária e com ações inspiradas no tripé: protocolos emitidos pelos órgãos sanitários e de saúde; recomendações cientificamente constatadas e divulgadas; e saberes locais e tradições sertanejas adaptados à necessidade de sobrevivência comunitária.

Quanto ao nível de vinculação, os atores sociais apresentaram elementos discursivos que corroboram o mapa de rede e uma dinâmica ascendente de vinculação diante das questões pandêmicas. Em quase a totalidade das conexões no mapa, bem como nas referências narrativas, nota-se a presença de vínculos colaborativos, cooperativos e por associação (Rovere, 1999). Assim foram algumas das vinculações exemplificadas por narrativas dos protagonistas da rede.

No nível de vinculação de associação, com foco no compartilhar ajudas mútuas, foi gerado um movimento de sinergia da rede:

Aqui a gente sempre trabalha em parceria, mesmo antes da pandemia, a gente tem essa questão das secretarias, a gente sempre tem reuniões e as secretarias, elas sempre precisam um do outro ... Além dos pais, a gente contou muito com a colaboração dos pais, os professores, os nossos professores foram guerreiros (Cora, Secretaria de Educação).

Outras narrativas denotam o nível de colaboração no intuito de cocriação de estratégias necessárias ao enfrentamento da pandemia: “a gente da saúde se reunia virtualmente para ver onde estava precisando acertar. O que estava precisando fazer. Qual era a necessidade maior que estava precisando suprir no momento” (Tereza, Profissional de Saúde).

Quanto às fragilidades nos vínculos propostos por Rovere (1999), avaliamos que são geradas pelas próprias contradições da forma de lidar com a crise e de contextos sociopolíticos e econômicos. Por exemplo, as fragilidades que perpassam a relação da prefeitura com o comércio ou deste com a vigilância sanitária também se originam nas configurações macroestruturais que dizem do sistema econômico neoliberal (Costa & Mendes, 2021). O comerciante, principalmente o de pequeno porte, viu-se em meio a um dilema de sobrevivência: uma escolha entre a integridade física e a econômica. Com a pandemia, a vigilância sanitária ganhou lugar de destaque na comunidade, aumentou seu poder de influir nas regras e gerar impacto nos vínculos, na ocorrência dos eventos e nas dinâmicas de funcionamento da matriz sociométrica (Moreno, 1953/1992). Na outra ponta, temos o comércio, sempre visto como essencial por todos, mas que agora é tolhido, recebendo ordens e sendo limitado no seu fazer por regras de controle de uma situação na qual não tem gerência para suplantar sozinho no seu imaginário de suficiência (Guimarães et al., 2020).

Só o real é contraditório: Eventos importantes para o enfrentamento da pandemia no município

Para que houvesse compreensão da dinâmica da rede, foi necessário fazer o cruzamento daquilo que o povo conta, eventos importantes que movimentaram e aqueceram a ação em rede. Como nos apresenta Moreno (1953/1992), as conexões das redes sociométricas dão vida à comunidade e, em um olhar para a sociedade externa, reconhecemos, rejeitamos ou permitimos que determinadas ações aconteçam, mas, mesmo por trás delas, podemos traçar uma matriz de escolhas sociométricas.

Assim, em um olhar externo, ouvimos histórias de vários fatos contraditórios que vão formando vínculos de relação entre as pessoas. Nessa lógica complexa, tecendo a narrativa como uma renda, podemos nos referir a esse tema como um *ponto abacaxi* (Tabela 2), o qual é gerado a partir de uma mistura de pontos de renda, trazendo algo como um emaranhado dinâmico que vai tomando forma com o tempo. Nesse contexto, a princípio, o município enfrentou uma sucessão de acontecimentos que marcam seu fechamento antes que a pandemia se alastrasse em toda cidade; nesse mesmo movimento, houve o cancelamento de festas. Agindo contra essas ações preventivas, surgiram ações negacionistas do ex-prefeito que não seguiu o protocolo sanitário criado pela rede para o enfrentamento do contexto pandêmico. Além disso, houve a resistência ao distanciamento social por parte de alguns religiosos, comerciantes e jovens por causa da cultura de rituais, festas e questões econômicas em oposição a um novo governo municipal que retomou os protocolos, com decretos baseados nos que eram enviados pelo governo estadual e nas reuniões entre os secretários. Dentro desse emaranhado de fatos, a rede, especialmente de serviços — como educação, assistência

social, saúde, vigilância sanitária, prefeitura e sociedade civil —, uniu-se em ações sociocomunitárias e se movimentou a favor do distanciamento, o que ocasionou diminuição no número de mortes e contágio no município. Com a chegada da vacina, a rede intensificou várias ações de atendimento à população. O discurso era de renascimento graças à vacina e, aos poucos, foram retomando algumas rotinas, entre tropeços e acertos, crença e descrença, na tentativa de sobreviver.

Nessa dinâmica, e à medida em que a história vai se constituindo e sendo narrada por cada ator da rede, vai desenhando com quem cada pessoa pode contar, ou como a matriz sociométrica se constitui, mostrando um recorte da realidade social do momento. Considerando esses fatos e as questões macrossociais que foram afetadas pelo contexto pandêmico, a Fig. 1 mostra as fragilidades entre atores relativamente antagonísticos nesse período pandêmico, como os comerciantes e a vigilância sanitária, a igreja e a vigilância sanitária. Observando ainda fatores geográficos, é possível perceber algumas fragilidades também pela distância e vínculo, como a zona rural e o acesso aos serviços. Assim, é na proximidade ou na distância, geográfica ou socioafetiva, no conflito, nos acordos e desacordos que a comunidade vai tecendo estratégias e negociações para resistir aos desafios da crise estrutural e pandêmica. Essa dinâmica, fragilizada pela dificuldade de acesso, mas que busca recursos e formas de enfrentar as limitações vividas por meio das interações sociais, atende ao conceito de comunidade como um “sistema de redes que constroem e animam um território que, por sua vez, é produto de uma rede de atores sociais (pessoas, líderes comunitários, organizações da sociedade civil, instituições)” (Milanese, 2012, p. 29).

“Não sei. Só sei que foi assim”: Dificuldades e enfrentamentos em rede

De tantas experiências compartilhadas, muitas são as lições aprendidas com os erros, com os acertos e com a tomada de consciência dos atos criativos que ajudaram a tecer formas de superação de um problema em comum, permeado por medo, dor, dificuldades, retrocessos e sensação de impotência no começo dos trabalhos. Assim, a comunidade percebeu que, em sua bagagem, de ricas tradições populares, artísticas e religiosas — que compõem a conserva cultural (Moreno, 1946/1997) desse povo aguerrido —, foi possível encontrar inspiração para fazer frente às crises, lançando mão de uma série de estratégias, cooperações, sentimentos e crenças, os quais, com espontaneidade e criatividade, podem dar conta do problema que a comunidade partilha. Traçando um paralelo com a renda, a potência coletiva gerou o *amor seguro*, ponto da renda que arrocha¹ as conexões da rede. Os atores da rede lidaram com uma série de dificuldades, desafios e vulnerabilidades com a pandemia, e, em resposta ao abandono do Governo Federal, trocaram a solidão pela união, juntaram-se aos seus pares e encontraram saídas criativas.

Um dos pontos de maior destaque nas narrativas tecidas nas entrevistas referiu-se à percepção de como a gestão das outras instâncias do Estado (Governo Federal e Governo Estadual) lidou com o contexto pandêmico e sobre o porquê das ações necropolíticas, neoliberais, colonizadoras (Costa & Mendes, 2021; Mbembe, 2016; Rovere, 1999) desprendidas de responsabilidade social por essas instâncias. Partimos desse prisma porque muitas das fragilidades encontradas na rede se devem a questões macropolíticas e históricas. Essa necropolítica é citada diversas vezes pelos atores que narram suas percepções, como Sivuca, líder comunitário e artista local, que disse: “eu vejo de forma criminosa quando se sobressai os interesses econômicos e políticos acima da vida”. Com relação ao governo, muitas análises são feitas nas narrativas sobre a posição política no momento da crise, como aponta Assis, líder comunitário, que afirmou: “sem respeito, sem sensibilidade, tentando dar uma de alguém que quer modernidade, mas que, na realidade, está praticando um primitivismo fora do normal”.

Essas falas nos mostram inconformismo diante do conflito e dão voz às palavras dos atores sociais, em uma lógica da ecologia dos saberes de Santos (2014) e do compartilhar (Moreno, 1946/1997), na integralidade dos seus saberes, sentimentos e percepções que tiveram efeito neste trabalho de não apenas compreender a rede e os vínculos entre os diversos atores. Foi possível ver em cada compartilhamento a oportunidade de reconhecimento social da atuação de cada um no momento crítico dessa crise sanitária. As entrevistas foram, portanto, um momento de processar, como uma etapa da ação, a qual representa aquilo que cada um tem feito para o enfrentamento da crise ao longo da pandemia. Seguindo, assim, uma premissa básica da sicionomia moreniana, compreendemos que algumas situações são entendidas somente quando sentidas (Moreno, 1946/1997). Nesse espaço de processamento, é possível ver de forma compartilhada um exemplo de reconhecimento a partir da própria narrativa:

1. Expressão nordestina que significa apertar.

Eu fico feliz porque acredito que a gente que faz parte da Vigilância Sanitária do país inteiro, a gente não tem essa visibilidade. ... então é um trabalho muito difícil, muito importante e, no final, ele se torna muito bonito. Porque independente do resultado que quer alcançar, a gente conseguiu alcançar um resultado, de acordo com a estrutura que se tem para trabalhar (Lucas, coordenador da Vigilância Sanitária).

Nesse sentido, em alusão ao ponto de renda, o ponto *amor seguro* é a base de muitos pontos na renda possibilitando a fluidez, em especial, do ponto *pipoca* que permite a ampliação da criatividade da rendeira, assim como estimulou a criatividade da rede camalauense. Esse ponto se modifica de várias formas para gerar novos traçados (IICA, 2017), ele diz da capacidade de o nordestino do Cariri se transformar com o que ele tem ao seu alcance. E, seguindo essa tradição de sobrevivência, mesmo com as fragilidades, discordâncias e conflitos, a rede se organizou para despertar o seu potencial de espontaneidade e criatividade (Moreno, 1953/1992). Os componentes dessa rede mantiveram articulações entre os setores, atores sociais e comunidade: reinventaram-se pela ponderação dos atos, tornando-os em essência solidários. Vincularam-se por associação de ideias e fazeres coletivos. Assim, a compreensão dos traçados de como a comunidade se mobiliza apareceu nas narrativas, como aponta Ângela, assistente social, que relata: “na cidade como um todo, também tinha essa preocupação, de fazer o que era possível fazer”. Há, portanto, um destaque para ações de solidariedade e de construção conjunta:

[...] a comunidade, ela é assim, ela é uma comunidade acolhedora e sempre busca ajudar aos demais, uns aos outros ... olha, a gente... eu não falo só eu, porque a gente sempre trabalha em equipe, eu não sei mais falar o eu, não, mas nós sempre buscamos fazer o melhor (Ana, Secretária de Educação).

O enfrentamento perpassou não apenas questões materiais, mas também subjetivas. Como apontou Gonzaga, prefeito em exercício:

Eu acho que o que foi a questão principal em Camalaú, não foi uma mágica. A gente não fez mágica. Eu acho que a gente poderia ter tido ideias até mais avançadas. Mas eu acho que o que a gente fez foi ser ponderado. Foi ajudar. Foi se preocupar tanto com a questão da doença em si, mas também com a questão psicológica (Gonzaga, prefeito).

Nesse contexto, o prefeito se referiu às *lives* informativas, ao contato mais próximo com a população, especialmente com as pessoas com mais dificuldades e sem acesso à internet, proporcionando o auxílio para o acesso digital para o cadastro do benefício emergencial, entre outras ações. O fator cultural também recebeu destaque no enfrentamento:

O fator positivo é cultural. A comunidade é bem solidária, o trabalho aqui é feito de forma coletiva. Então, nesse sentido, nós somos favorecidos. Até o contexto é cultural, nosso povo é muito hospitaleiro, ... as pessoas trabalham de forma coletiva para ajudar umas às outras (Lucas, coordenador da Vigilância Sanitária).

Foram muitos pontos levantados sobre desafios e vínculos possíveis entre rede de serviços e rede comunitária para o enfrentamento da crise pandêmica. Apesar de haver conflitos e contradições gerados pela lógica capitalista entre economia, saúde, bem-estar social e política, percebemos mais pontos de escolhas vinculares mútuas compondo uma rede de solidariedade, complexa e bela como uma peça de renascença.

“Nós é mais”: Os pontos fortes da rede

É chegada a hora de “arrancar a peça”, o momento final, em que se corta o alinhavo que prende a renda ao papel riscado (IICA, 2017. p. 76). Assim, trazemos duas sabedorias que sintetizam e dialogam com o referencial teórico brevemente apresentado neste artigo. A rendeira Maria de Odon traz o seguinte ensinamento: “Uma renda bem-feita é aquela que dura muito, tem ponto firme, não tem muito nó, e o nó é seguro. Uma renda mal feita é a que tem pontos graúdos que ficam

se soltando” (IICA, 2017, p. 76). Aplicada a algumas análises que apresentamos, a renda seria a rede de Camalaú, que demonstrou ser composta por poucos nós, se levarmos em conta uma perspectiva de *gente de cidade grande*, mas são nós, em sua maioria, seguros, pelo alinhamento da cooperatividade, horizontalidade, intersectorialidade, por ser uma rede onde seus atores a consideram significativa (Sluzki, 1997). Os pontos graúdos são análogos aos políticos, referidos nas narrativas como componentes do Governo Federal e Estadual, que são graúdos de poder, mas em suas responsabilidades sociais aumentam as fragilidades, e que constituem os pontos soltos que encontramos em diversas redes em nosso País.

A segunda sabedoria foi ensinada por Assis, o líder comunitário de Camalaú, que fala de Deus como a energia cósmica:

Deus como a suprema força do universo, então eu entendo que nós... o universo, todo o universo, na verdade, estão em marcha para um processo de conscientização. Nós estamos, nós seres, hoje seres humanos, na condição de seres humanos, estamos caminhando para algo grande, muito grande, que é assumir a plena consciência a respeito do nosso próprio poder dentro do universo. Um dia todos nós seremos deuses, todos nós seremos deuses, no sentido como se imagina os deuses, aqueles seres com muito poder e que estão agindo sobre a própria natureza, um dia nós seremos assim, é a nossa caminhada (Assis, líder comunitário).

Esse saber é compatível com a visão de ser humano e de mundo ou antropologia filosófica moreniana. Encontrar com esse ensinamento pela sabedoria de um sertanejo foi um encontro télico, dialógico. Um encontro de mutualidades, com a nossa leitura na ecologia dos saberes (Santos, 2014). Isso nos diz da composição cósmica, da natureza terrena e divina inerente ao humano, atravessado por potências que o tiram da subserviência ou conformidade em ser mera criação para ser também criador, deixando de ser apenas mecanismo de um sistema dominante opressor. Com essa energia que emana espontaneidade e criatividade, Moreno (1946/1997) nos leva a ter respeito e afetividade pelos povos originários, pelo ecossistema, pela rede de vínculos que emergem do encontro télico. Tal cosmovisão gera sinergia (Rovere, 1999), valorização e escuta aberta aos saberes silenciados pelo poder (Santos, 2014). Podemos nos tornar deuses pela nossa demasiada humanidade. Vimos isso em alguns pontos na rede social de Camalaú, em toda a sua potência criadora, resistindo e *ferrozeando*, diante de um falso mito do poder necropolítico.

Contar a história de alguns dos atores da comunidade de Camalaú, compreendê-la, mesmo com limitações, tornou possível compreender os impactos — sociais, sanitário, educacional, cultural, econômico e político da comunidade — provenientes da vivência de uma pandemia em um contexto de negacionismo, em que o sertanejo nordestino vê isso como mais uma crise a ser vivida e superada. Acessamos os sentidos, as percepções, as dificuldades e os atos criativos desenvolvidos durante a construção das vias de sobrevivência. A realidade narrada por eles mostrou uma rede sociométrica condizente com a historicidade nordestina de sobrevivência a situações adversas, marcada pela coletividade, por redes significativas (Sluzki, 1997), por um capital social e humano solidário, as quais correspondem ao anseio de pertencimento ao poder *contar com*. Eles revelaram ser uma rede forte, intersectorial com participação comunitária, de uma ecologia de saberes vasta e transbordante em cada ato (Santos, 2014; 2020). Deveras uma renascença traçada pelo princípio da vida, pelo imaginário do cuidado (Guimarães et al., 2020), com saídas da lógica necropolítica tentacular, silenciando o *tá ok* pelos brados do *oxente*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo trabalha na perspectiva do compartilhar de uma história invisibilizada com o intuito de gerar reflexões críticas mediante uma leitura socionômica dos vínculos de resistência que combatam o maniqueísmo e o discurso do ódio contemporâneos. Nesse sentido, reflexões sociais e políticas contribuem para que o psicodrama seja compromissado com a justiça social e se tenha um olhar atento para ações fomentadoras de opressão, que contribuem para a colonização de afetos; que silenciam narrativas de sujeitos e povos.

A nossa atuação não pode ser alienada e distante do fazer político. O divórcio entre o psicodrama e uma leitura crítica, social e política gera invisibilidade, silenciamento, associação com propostas neoliberalistas de contenção e esfacelamento

das subjetividades e das redes sociais. No bojo deste estudo, conclui-se que a rede é concebida como a possibilidade de gerar novas formas de organização onde estruturas rígidas e estereotipadas cedem seu domínio ao processo de criatividade e de invenção. Aqui reafirmamos o compromisso social no mesmo diapasão de Jacob L. Moreno, que, em sua megalomania utópica, defende nada menos que a inclusão de toda a humanidade em seus cuidados. De acordo com suas palavras, em um dos volumes de sua obra que inspirou o subtítulo desta pesquisa (“Quem sobreviverá”, volume 1), ele defende que: “Um procedimento verdadeiramente terapêutico deve ter por objetivo toda a espécie humana” (Moreno, 1953/1992, p. 119). Tal objetivo foi atingido segundo o compartilhar dos participantes. Ao serem convidados para a entrevista, ficaram surpresos porque não entendiam como Camalaú, Paraíba, tinha chamado a atenção de pesquisadores da Universidade de Brasília. Não tinham a percepção sobre o que estavam fazendo de tão diferente. Após as entrevistas, mostraram-se gratos e empolgados com a possibilidade de serem vistos e reconhecidos para além do sofrimento do sertanejo do Cariri. Expressaram, no decorrer da entrevista, a alegria por terem suas falas ouvidas e enviaram, mediante o aplicativo de mensagens WhatsApp, fotos, vídeos, *links* de trabalhos realizados, com o intuito de agregar conteúdo a este estudo, pois, ao se fazerem vistos um pouco mais, esse processo os tornou orgulhosos do que estavam criando durante uma crise sanitária global. Aqui cabe um solilóquio: com este trabalho, foi possível à primeira autora se reconectar com suas raízes, com a potência que emana do povo camalauense de onde foi apartada desde o nascimento, pela migração dos seus pais em busca de uma vida melhor em outra parte do Brasil. Ver os camalauenses espontâneos e criativos no enfrentamento de uma pandemia que, no Brasil, foi marcada pela necropolítica, compeliu-a a compor essa rede através da abertura da pesquisa científica (outro alvo da política negacionista) como sendo lugar de fala para um povo geralmente desconsiderado. E, nesse intento, segue o compartilhar de alguns deles na íntegra:

Porque eu agora fiquei super orgulhoso de responder a essas perguntas. E escutando você dizer isso, que a nossa cidade tem sido considerada um exemplo aqui no Brasil, de combate ao coronavírus. Muito obrigado. Porque eu estava cansado. Agora não estou mais não. Com essa entrevista aqui eu descansei mesmo. Na próxima missa. eu vou falar a respeito disso que nós conversamos. Os fiéis precisam saber que fizemos o certo em obedecer para preservar a vida, nossa e dos irmãos. Eu vou passar um elogio para as pessoas e agradecer a cada fiel que tem contribuído para que a gente tenha chegado a este nível de resultado positivo (Padre Pedro).

A pandemia fez muitos professores e colegas de trabalho saírem dos trabalhos engavetados e passarem a atuar na prática, e a tecnologia faz com que, por exemplo, o seu conhecimento, as nossas experiências possam se aproximar, porque, talvez, se fossem para vocês virem até aqui, até Camalaú, seria mais difícil. E hoje não é só uma carta ou um relatório que te envio, estamos aqui tendo a oportunidade de conversar e compartilhar essas experiências. É emocionante. Eu vou te enviar pelo Zap o *link* de uma tecnologia que desenvolvemos durante a pandemia. Que é um destilador solar. Que famílias vulneráveis de um assentamento, pessoas que não tinham acesso a água potável e que não tinham condições econômicas de comprar água mineral (Sivuca, ex-prefeito/professor e líder comunitário).

É muito bom participar desse tipo de entrevista. Participar dessas coisas maiores. Porque para a gente é uma coisa maior. Que a gente não tem tanto acesso. Eu estou aqui, em nome de todos os meus colegas de profissão, representando eles da melhor forma possível ... agradeço demais a oportunidade. E que possamos vencer essa pandemia (Tereza, Profissional de Saúde).

Acreditamos na força do protagonismo nordestino sempre e mais especialmente em contextos críticos, a qual não pode ficar silenciada quando a história da pandemia for reescrita. O povo de Camalaú não só resistiu, mas sobreviveu nos termos morenianos, sendo uma rede de existência plena, criativa e espontânea. Essa é, sem dúvida, uma história que merece ser contada.

CONFLITO DE INTERESSE

As autoras declaram não haver nenhum conflito de interesse.

CONTRIBUIÇÃO DAS AUTORAS

Conceitualização: Neves KPP, Coelho ACF e Conceição MIG; **Metodologia:** Neves KPP, Coelho ACF e Conceição MIG; **Investigação:** Neves KPP e Coelho ACF; **Redação – Primeira versão:** Neves KPP e Coelho ACF; **Redação – Revisão & Edição:** Neves KPP, Coelho ACF e Conceição MIG; **Supervisão:** Coelho ACF e Conceição MIG.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Dados serão fornecidos mediante solicitação.

FINANCIAMENTO

Não aplicável.

AGRADECIMENTOS

Não aplicável.

REFERÊNCIAS

- Braun, V. & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Conceição, M. I. G. (2021). Análise temática: Como fazer análise qualitativa de dados qualitativos. In E. M. F. Seild, E. Queiroz, F. I. & M. Neubern (Eds.), *Estratégias metodológicas de pesquisa em psicologia clínica: avanços e desafios* (pp. 67–86). CRV.
- Costa, P. H. A. & Mendes, K. T. (2021). A morte como força produtiva no capitalismo brasileiro. *Revista Fim do Mundo*, 4, 87–109. <https://doi.org/10.36311/2675-3871.2021.v2n4.p87-109>
- Fleury, S. (2005). Redes de políticas: novos desafios para a gestão pública. *Administração em Diálogo*, 7(1), 77–89. <https://doi.org/10.20946/rad.v7i1.671>
- Guimarães, L.V.M., Carretero, T. C. & Nasciutti, J. R. (Eds.) (2020). *Janelas da Pandemia*. Editora Instituto DH. Recuperado de: https://institutodh.org/sdm_downloads/janelas-da-pandemia/. Acesso em: 15 fev. 2022.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2021). *Cidades e Estados*: Camalaú. Recuperado de: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/camalau.html>. Acesso em: 15 fev. 2022.
- Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA) (2017). *Pontos e histórias: Renda renascença e mulheres rendeiras*. Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola, Instituto Internacional de Cooperação para a Agricultura, Agência Espanhola de Cooperação Internacional.
- Junqueira R. D. & Prado, M. A. M. (2020). A gestão ético-política da pandemia de covid-19 no Brasil: “grupo de risco” e normalização da catástrofe. In L. V. M. Guimarães, T. C. Carretero & J. R. Nasciutti (Eds.), *Janelas da Pandemia* (pp. 203–216). Instituto DH. Recuperado de: http://afipeasindical.org.br/content/uploads/2020/08/Janelas-da-Pandemia_e_book.pdf. Acesso em: 15 fev. 2022.

- Kerr, L., Kendall, C., Silva, A. A. M., Aquino, E. M. L., Pescarini, J. M., Almeida, R. L. F. ... Barreto, M. L. (2020). COVID-19 no Nordeste brasileiro: Sucessos e limitações nas respostas dos governos dos estados. *Ciências e Saúde Coletiva*, 25(suppl. 2), 4099–4120. <https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.2.28642020>
- Mbembe, A. (2016). Necropolítica. *Arte & Ensaios*, 32, 123-151.
- Melo, M. H. S., Rodrigues, D. R. S. R. & Conceição, M. I. G. (2015). Avaliação de programas de prevenção e promoção em saúde mental. In S. Murta, C. Leandro-França, K. Santos & L. Polejack (Eds.), *Prevenção e Promoção em Saúde Mental: Fundamentos, Planejamento e Estratégias de Intervenção* (pp. 168–191). Sinopsys.
- Milanese, E. (2012). *Tratamento comunitário: manual de trabalho* (2ª ed.). Instituto Empodera.
- Moreno, J. L. (1992). *Quem sobreviverá?* Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama, volume 1. Dimensão. (Originalmente publicado em 1953)
- Moreno, J. L. (1997). *Psicodrama*. Cultrix. (Originalmente publicado em 1946)
- Perez, O. C. & Santana, L. (2021). Ações do Consórcio Nordeste no combate à pandemia de Covid-19. *NAU Social*, 11(21), 259–270. <https://doi.org/10.9771/ns.v11i21.41997>
- Rovere, M. R. (1999). *Redes En Salud; Un Nuevo Paradigma para el abordaje de las organizaciones y la comunidad*. Ed. Secretaría de Salud Pública/AMR, Instituto Lazarte.
- Santos, B. S. (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. Almedina.
- Santos, B. S. (2014). Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos Estudos - Cebrap*, 79, 71-94.
- Sluzki, C. E. (1997). *A rede social na prática sistêmica*. Casa do Psicólogo.
- Vieira, É. D. (2020). Possibilidades Psicodramáticas de resistência ao fascismo contemporâneo. In A. M. Dedomênico & D. Merengué (Orgs.), *Por uma vida espontânea e criadora: Psicodrama e política* (pp. 19–35). Ágora.
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203-220. <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>
- World Health Organization (WHO) (2020). *Coronavirus disease (COVID-19) pandemic*. Recuperado de: https://www.who.int/health-topics/coronavirus#tab=tab_3. Acesso em: 15 fev. 2022.